

# Neoliberalismo, tecnologia, aceleração tempo-espaço: É possível preservar a criatividade?

*Neoliberalism, technology, time-space acceleration:  
Is it possible to preserve creativity?*

Regina Celi Bastos Lima\*

**Resumo:** Hoje, na sociedade pós-moderna, estamos vivenciando uma experiência psíquica afrontada por transformações históricas, socioculturais e econômicas, dominadas pela voracidade do neoliberalismo – política econômica que se tornou a nova razão do mundo voltada para o encurtamento do estado e, segundo Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021) – um dos principais inimigos da democracia. Ao lado disso, há mais ou menos três décadas nos deparamos com o avanço acelerado da tecnologia digital, para o bem ou para o mal. Vivemos num cenário global transformado com a chegada da internet nublando o interno e o externo, oferecendo pouca oportunidade de experimentar tempo e espaço para o desabrochar de um ser humano singular e criativo. Infelizmente, há mais de quatro anos, com espanto, fomos atingidos por uma pandemia provocada pelo Coronavírus, trazendo consequências desastrosas para a humanidade. Nesse contexto, experimentamos uma permanente tensão em diferentes registros: na política, na economia, na religião, na saúde, na educação, na ciência, na arte, etc. O desafio está em conciliar a nossa inserção nessa cultura neoliberalista amalgamada com os recursos tecnológicos, “substituindo” o encontro humano. Diante dessas mudanças, fiquei pensando sobre quais seriam as condições possíveis para preservar a capacidade criativa do ser humano.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo. Tecnologia. Tempo e espaço. Criatividade.

**Abstract:** *We are currently experiencing historical, sociocultural and economic transformations, subjected by the greediness of the neoliberalism, the economic policy that became the new mind of the world, turned to the shortening of the State. Besides this, we face the development of digital technology, for better or for worse. This global outcome, offers little opportunities to experience time*

---

\* Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Participante do Grupo de Winnicott do Rio de Janeiro.

*and space, this way contributing to the bloom of a creative and singular being. Unfortunately, the pandemic caused by the Coronavirus, also brought terrible consequences to mankind. Thereby, we live a permanent tension between different poles: politic, economic, religion, health, education, science, art etc. The challenge is to reconcile our insertion on this neoliberalist culture, merge with the new technologic resources, “replacing” the human rendezvous. So, which are the possible conditions to preserve the creative capacity of the human being?*

**Keywords:** *Neoliberalism. Technology. Time and space. Creativity.*

*“Tempo é o tecido da nossa vida”*

*Antônio Cândido*

## **CENÁRIO SOCIOCULTURAL – AMBIENTE CONTEMPORÂNEO**

O cenário atual nos coloca frente à dissolução simbólica dos suportes sociais e culturais vividos na Modernidade. Suportes que, idealmente, sustentavam o sujeito no seu anseio de guardar sua interioridade e seguir em direção a uma sonhada autonomia e liberdade. Hoje, na sociedade considerada pós-moderna, estamos vivenciando uma experiência psíquica afrontada por essas transformações socioculturais e políticas. Com o encurtamento do estado, com o domínio do Neoliberalismo vislumbramos um mercado soberano, que desperta uma forte compulsão ao consumismo. Sob a arma opressora do Neoliberalismo as pessoas se estruturam na “venda” de soluções rápidas e de satisfação imediata. A lógica do consumo voltada para a rentabilidade, para a competitividade, reforça a cultura do narcisismo e de um individualismo assustador. Joga sobre os ombros de cada um a responsabilidade sobre o seu sucesso e seu fracasso. Diante de uma situação de fracasso, de mal-estar, as pessoas se expressam através de crises de ansiedade, depressão, síndrome de *Burnout*, distúrbios alimentares, questões psicossomáticas, transtornos de identidade, insônias, tédio, pânico, etc.

A Tecnologia Digital, se revelando grande parceira do Neoliberalismo, de forma sedutora, aderiu ao espetáculo, às “curtidas” manipulando os egos. Todas as coisas devem ser devoradas tão rapidamente quanto surgem no mundo – a aceleração. Nossas mentes ficaram confinadas ao imediato. Tudo parece colonizado pela lógica do mercado. A cultura do consumo se baseia justamente na ideia de que “se você quer você pode”. Byung-Chul Han, filósofo e teórico social “atribui exaustão pelo excesso de positividade e de produtividade, criticando a ideia de que metas são alcançáveis – ‘Basta se esforçar!’” (HAN, 2015).

Seja empresário de si mesmo!... Seja um empreendedor! Num país desigual como o Brasil, isso é uma grande ilusão. Destaca Birman (2012) “podemos dizer que tanto no registro coletivo como no individual, nas escalas local e global a subjetividade foi virada de ponta-cabeça”. Evidenciamos uma situação de profunda insegurança, enfraquecendo referências psíquicas internas e

externas, nublando dessa forma o dentro e o fora. A sensação é de que estamos submetidos a uma ruptura nos registros de uma desterritorização e de uma destemporalização. Assistimos a um ataque implacável à natureza. Uma ferida narcísica existencial e biológica parece atingir a humanidade. Somos seres sob possível ameaça de extinção.

Percebemos, no dia a dia, um agravamento físico e mental na saúde das pessoas, que se revela também nos relatos clínicos. Essa ruptura no tempo, no espaço e ainda as consequências dos sofrimentos pandêmicos, nos fez perceber como certas circunstâncias da vida e das subjetividades contemporâneas invadiram nossos consultórios. A sala de análise deixou de ser, há muito, um espaço dominado apenas pela dinâmica intrapsíquica sendo tomada, também, por elementos das profundas e constantes transformações na sociedade. Byung-Chul Han, corroborando com essa compreensão, traz também as questões éticas e morais, que já existiam na sociedade e vêm se agravando sobremaneira; “o vírus é um espelho, ele mostra em que sociedade nós vivíamos e estamos vivendo. Uma sociedade de sobrevivência que se baseia num estado de guerra permanente e, em última análise, no medo da morte” (HAN, 2022).

Considerando os dois campos destacados acima (Neoliberalismo e Tecnologia Digital), vou assinalar questões preocupantes, que interferem na nossa capacidade criativa, provocando transtornos e, podemos dizer, uma “colonização” nas subjetividades, principalmente das crianças, adolescentes e das famílias. Reconheço a importância dos avanços tecnológicos que atendem com eficiência às áreas da saúde, da educação, do conhecimento, nos conectando de forma global e instantânea às informações relativas às mais diversas áreas, que possibilitam inclusive a telepsicanálise.

Porém, a aceleração da tecnologia provocou um grande impacto na sociedade. Transformações no espaço, no tempo e na ética ficaram evidentes: o espaço se amplia de maneira quase infinita, a experiência com a temporalidade se revela estranha à corporeidade humana e facetas do humano, ficam na invisibilidade. Presenciamos atualmente a difusão de celulares, *smartphones* e *tablets*, cada vez mais modernos, ativos por vinte e quatro horas, ininterruptamente. A infinidade de possibilidades tecnológicas e seu imediatismo despertam nas pessoas uma “devoção” e, obliteradas por sua magia, as pessoas se perdem ao usá-las excessivamente.

Especialistas alertam para o alcance tecnológico destrutivo, disseminado pelos frutos da IA (Inteligência Artificial), que contribuem, muitas vezes, para a desinformação. Deparamo-nos, muito frequentemente, com a violência de “*fake news*” e “*deepfakes*”, que já são um dos principais motores da economia digital, gerando lucros estratosféricos. A hiperinflação de informações provoca uma grande fadiga, abolindo a diferença clara entre informação e formação. Somos monitorados em nossos interesses e preferências, que nos induzem a comportamentos bizarros, ligados ao imediatismo da internet. O impulso do ser humano “deixou de ser atrelado ao desejo – situação em que a satisfação é adiada – e passou a se prender ao gozo, em que a satisfação é ilusoriamente realizada” (FONTENELLE, 2020). Segundo Harari (2020) “A IA é sofisticada, adulterando som e imagem, colocando sob risco a privacidade, a autonomia, a criatividade e até mesmo a relevância do ser humano”.

Afinei minha escuta para as novas dores expressadas pelos pacientes, principalmente (mães/bebês/fetos), crianças, adolescentes e para as transformações em suas subjetividades. Uma resignificação na clínica se impôs! Cada vez mais observamos nos adolescentes a presença de impulsos violentos, erotizados ou de um silenciamento, autolesões e até suicídios. Detectamos mais recentemente, na clínica, pedidos de avaliação para espectros autistas, TDAH, comportamentos antissociais, baixa no ciclo vital, sono reduzido, insônias, um impedimento de repouso, impossibilitando frequentemente o alojar dos sonhos. Observando os sintomas destacados acima, penso que possivelmente a criatividade foi atingida, negligenciada, obscurecida, frequentemente, expressando uma ausência da vitalidade na voz, nos gestos, no pensar, no imaginar, na estrutura simbólica, nos modos de interagir, interpretar e significar o viver.

Diante desse cenário descrito, pontuo como uma das causas dos sofrimentos atuais o distanciamento percebido nas relações humanas, provocando rupturas, desencontros e intervenções no processo de amadurecimento. Considero que um dos mais importantes prejuízos, seria o entrave na fruição da criatividade, trazendo uma perda considerável no imaginário, no universo do simbólico, obscurecendo a realidade compartilhada e, evidentemente, a linguagem, potencializando sofrimentos físicos e psíquicos. Winnicott assinala que a fruição da criatividade é um dos elementos mais importantes na origem da vida – base de toda nossa existência.

Safatle (2021), como já mencionei, vai corroborar com Winnicott (1989) que, num capítulo muito interessante do seu livro *Tudo começa em casa*, sobre Democracia, já alertava sobre “o uso abusivo que os ditadores fazem da palavra “Democracia”, enganando o povo” (vivemos esse caos recentemente). Para ele, “uma sociedade democrática é madura, quer dizer, apresenta uma qualidade aliada à maturidade individual que caracteriza seus membros saudáveis”. Neste momento, segundo o pensamento *winnicottiano*, vou trazer, bem resumidamente, o processo de amadurecimento do ser humano, destacando a importância dada por ele à fruição da criatividade “Criar é viver... Viver é criar”.

No início da vida do ser humano, Winnicott vai estabelecer um contraponto ao dualismo pulsional freudiano trazendo já a ideia de uma “pulsão criativa” como inerente ao fato de viver. Ao discordar do conceito de pulsão de morte como força interna antagonica em relação à vida, ele apresenta o “impulso vital”, a “força vital” como única dinâmica reconhecida. Para ele, o que está em jogo no início da vida é a possibilidade de fruição da “criatividade inata primária” e nesse sentido a vida não deriva de uma satisfação pulsional. A entrada do indivíduo no mundo não deriva de um “confronto”. Ao observar um número incontável de mães com seus bebês, Winnicott vai traduzir essa experiência vivida entre a mãe e o bebê, enfatizando o “encontro humano”, deslocando, dessa forma, o eixo da origem do psiquismo, das pulsões, para uma origem que prioriza os acontecimentos psíquicos configurados no encontro fundamental da mãe ambiente com seu bebê, na sua dependência absoluta, na sua vulnerabilidade.

Com Winnicott, estamos sob outro paradigma e vislumbramos outra metapsicologia – a metapsicologia do ser. Ao nascer, o bebê precisa que alguém no mundo seja seu anfitrião. A mãe, no seu papel ontológico, cria um ambiente de confiabilidade, de intimidade, de hospitalidade que, atendendo às suas necessidades, o provê daquilo de que ele precisa para viver, para existir; com sua devoção, proporciona as condições adequadas ao acontecer humano. Costa (2007) contribui com essa compreensão de Winnicott (1989) dizendo:

o motor do psiquismo infantil não é a falta, é o movimento da vida nas dimensões da agressividade e da criatividade. E acrescenta: “a agressividade (motilidade) é a propriedade do corpo que corresponde à manifestação da própria vida biológica. A criança por meio dela, se apropria dos objetos do mundo, a princípio sem poder avaliar as consequências da apropriação

(sobrevivência da mãe)”. A imaginação criativa ou criatividade primária é a capacidade psíquica que permite ao recém-nascido dar sentido ao universo de suas experiências (p. 78-79).

A vitalidade dos tecidos expressada pela “força vital” subjacente a essas duas dimensões – agressividade e criatividade –, torna possível o movimento da vida.

Essa vivência é inerente à condição humana. A partir daí, nesse ambiente favorável banhado pelo *holding* materno o bebê coloca seu gesto em direção à presença humana posicionada no lugar de sua ação e desta forma, possibilita a fruição da criatividade inata primária. O bebê não confronta – “o bebê cria”! Precisa tornar real esta criatividade originária. O bebê torna-se um “criador”! O bebê cria o que “encontra”, o que está lá para ser criado – o leite, a mãe e se encontra na posição de estar criando o mundo, questão paradoxal fundamental da origem do si mesmo. Inaugura-se a experiência de ilusão fundando o centro de um viver criativo na vida de todo ser humano.

No momento adequado, a mãe vai permitindo que o bebê viva a desilusão, se revelando como um outro (a alteridade), legitimando a junção entre ilusão e desilusão. A mãe com sua corporeidade, numa delicada oposição, vai permitindo que o bebê descubra o mundo. Nessa condução ética, o ato criativo emerge marcando a singularidade do bebê e tudo no horizonte aparece como sentido. Mãe e bebê vão transitar por três realidades. A experiência de ilusão é regida por um sentido subjetivo. Winnicott desenvolve esse conceito no seu ensaio *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* – uma área de experiência entre a realidade interna e a externa. O bebê, com modificações graduais na sua onipotência, se aventura na trajetória entre as diferentes realidades. O objeto subjetivo é espacializado e temporalizado como objeto transicional, constituindo o início da capacidade de simbolização (separar e unir; ilusão e desilusão) realizando o acesso à realidade externa na realidade compartilhada. O brincar (o criar) se estabelece na área transicional como veículo de trânsito entre diferentes mundos (o subjetivo e o externo) colocando toda a vida cultural e a fruição do processo criativo para além da sensorialidade – para o universo do simbólico ao alcance do bebê, da criança e de todo ser humano. Pensando na manutenção da vida Winnicott constrói a ideia da “existência de um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito”.

“O exílio do isolamento não criativo... onde a associação da morte à vivência da descontinuidade e ao silêncio da criatividade desloca o sentimento do desamparo, do medo, da perda da vida para o medo da perda do sentido da vida” (COSTA, 2007, p. 81).

O poder do “*ciberespaço*” está de braços dados com o mercado ultraneoliberalista. A manipulação dos signos, dos algoritmos vai ignorar a incômoda perspectiva da CRIATIVIDADE...?

Lembranças

A criança que não brinca  
Não é criança,  
Mas o homem que não brinca  
Perdeu para sempre  
A criança que nele morava,  
E que vai lhe fazer falta.

*Pablo Neruda*

**Regina Celi Bastos Lima**  
reginacbl@hotmail.com

## Referências

BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COSTA, J. F. *O risco de cada um: e outros ensaios de psicanálise e cultura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

FONTENELLE, I. Redes de desejo ou de gozo? Experiência de consumo e novos agenciamentos tecnológicos. *Revista de Administração de Empresas*, v. 60, p. 299-306, 2020.

HAN, B-C. *Revista Vozes*, 2015.

\_\_\_\_\_. Entrevista à Agência EFG. *Revista Vozes*, 2022.

HARARI, Y. Os desafios da transição para a década de 20. *Jornal Valor econômico*, São Paulo, 03/01/2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/01/03/os-desafios-da-transicao-para-a-decada-de-20.ghtml>>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. (Org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

WINNICOTT, D. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.